

Parkour: propostas de aulas na educação física escolar

Parkour: class proposals in school physical education

Dianne Cristina Souza de Sena^{1,2}, Miguel Herick Sousa de Lemos¹

¹ Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), Natal/RN, Brasil

² Secretaria Municipal de Educação do Natal, Natal/RN, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 19 novembro 2020

Revisado: 06 maio 2019

Aprovado: 15 junho 2020

PALAVRAS-CHAVE:

Educação Física; Ensino Fundamental; Parkour.

KEYWORDS:

Physical Education; Elementary School; Parkour.

RESUMO

INTRODUÇÃO: O Parkour é uma manifestação da cultura corporal de movimento que foi incluído na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), por meio da unidade temática Práticas Corporais de Aventura. Sabe-se que alguns professores de Educação Física limitam suas aulas por não terem informações corretas sobre conteúdos não tradicionais e pela falta de estudos científicos relacionados ao parkour no âmbito escolar.

OBJETIVO: O estudo tem como objetivo apresentar propostas de aulas do parkour na educação física escolar.

MÉTODOS: A pesquisa é do tipo qualitativa e descritiva, com público-alvo de 30 estudantes do 9º ano do ensino fundamental anos finais. A técnica de investigação foi a observação, realizada a partir dos planos de aulas e imagens das atividades.

RESULTADOS: Diante dos planos de aulas ministrados, observamos a participação, o entusiasmo e o empenho dos estudantes na aprendizagem dos movimentos e habilidades motoras básicas do parkour.

CONCLUSÃO: O desenvolvimento das aulas foi significativo para os estudantes no que se refere a promover diversas perspectivas de aprendizagens (motoras, cognitivas, afetivas, cultural, social e emocional) do parkour. Promovemos atividades de forma sistematizadas, adequada com a faixa etária e pertinente com a realidade dos estudantes. Objetivamos o aprendizado de forma lúdica, com criatividade usando poucos materiais e espaço não delimitado. O estudo é relevante já que há poucos estudos científicos sobre a prática do parkour no contexto escolar.

ABSTRACT

BACKGROUND: Parkour is a manifestation of the body culture of movement that was included in the National Common Curricular Base (BNCC), through the thematic unit body adventure practices. It is known that some Physical Education teachers limit their classes because they do not have correct information about non-traditional content and because of the lack of scientific studies related to parkour in the school environment.

OBJECTIVE: The study aims to present proposals for parkour classes in school physical education.

METHODS: This is a qualitative and descriptive research with a target population of 30 students in the ninth grade of elementary school. The study utilized observation methodology through lesson plans and images of activities.

RESULTS: We observed the participation, enthusiasm, and commitment of students in learning the basic movements and motor skills of parkour.

CONCLUSION: The development of classes was significant for students in terms of promoting diverse learning perspectives (motor, cognitive, affective, cultural, social, and emotional) of parkour. We promoted activities in a systematic way, which were appropriate to the age group and relevant to the students' reality. Our goal is to promote fun learning through creativity using few materials and nondelineated space. The study is relevant because there are few scientific studies on the practice of parkour in the school context.

INTRODUÇÃO

O parkour é uma prática que tem como princípio transpor obstáculos seja ele natural ou artificial, realizando um percurso pré definido de forma eficiente e técnica básica. O surgimento e a consolidação da prática do Parkour parte de alguns contextos sociais e culturais que constituem o seu processo histórico bem antes do seu aparecimento na sociedade, e um deles é conhecer Georges Hébert, o maior contribuidor para o aparecimento do Parkour.

Hébert foi um tenente da marinha francesa e professor de educação física, criador de um sistema de treinamento internacional chamado Método Natural. Elaborar e desenvolver esse método só foi possível, a partir de uma viagem realizada por Hébert em países de colônias francesas, onde, durante a viagem, encontrou povos indígenas e negros africanos. Nesse período em contato com esses povos, ele realizou observações e análises da saúde e força presente nestes indivíduos, sendo discordante da encontrada nos povos europeus (SOARES, 2003).

Buscando a compreensão e também fascinado pelos costumes e forma de vida destes povos, Georges Hébert notou que os gestos perfeitos, a força, a agilidade corporal, a resistência, tão quanto, a beleza em seus movimentos, se dava pelo modo de vida selvagem e primitiva. Dessa forma, com todas as anotações realizadas em sua viagem, Hébert deu início a construção de um método de treinamento com característica naturista. Ou seja, ele pretendia trabalhar resistência corporal, a resiliência, exercícios utilitários, nudez controlada, para isso, a utilização do meio natural como terreno de exercício (SOARES, 2003).

Nesse contexto, surgia o chamado Método Natural, um sistema de treinamento militar. Soares (2003) destaca que Hébert a partir de uma rigorosa observação das formas de atividades que compõem a educação natural do “primitivo”, constatou “uma série de 10 grupos de exercícios: 1 - marcha; 2 - corrida; 3 - salto; 4 - quadrupedia; 5 - trepar; 6 - equilíbrio; 7 - lançamentos; 8 - transporte; 9 - defesa; 10 - natação” (p. 27). O método obteve êxito quando aplicado aos bombeiros militares de Paris (chamados: *sapeurs-pompier*s), considerado este, um programa de treinamento tanto físico quanto mental, sendo experimentado e vivenciado por vários militares, dentre eles, Raymond Belle (DJORDJEVIC, 2006).

O militar Raymond se destacou nos treinamentos realizados pelos bombeiros, como consequência tornou-se oficial de elite e executava as missões de salvamento mais perigosas em Paris. A competência para executar e administrar tal cargo resultou do seu porte físico em conjunto com os benefícios atribuídos dos treinamentos baseados no Método Natural de Georges Hébert. Dessa maneira, os conhecimentos dessas atividades foram ensinados para o maior precursor do Parkour, David Belle, filho de Raymond, criador da prática originada no fim do século XX (ALVES; CORSINO, 2013).

David Belle nasceu em Fécamp na França no ano de 1973. Ele seguiu a mesma trajetória de seu avô e pai, onde entrou para o grupo de bombeiros de Paris, porém não permaneceu no posto por muito tempo (ORLANDI, 2014). Inspirado com a experiência de treinamentos realizado pelo seu pai no percurso *Parcours du Combattant* (ou percurso militar de obstáculos) utilizando o Método Natural, David Belle usou os conhecimentos herdados

e os ajustou para criar um estilo de movimentação dentro da cidade de Paris, conhecido hoje como Parkour (BITTENCOURT, 2009).

O “*le parkour*” em português “o percurso”, é uma prática corporal que tem como característica principal o princípio de ultrapassar os obstáculos do ambiente da melhor forma possível utilizando o próprio corpo (VIEIRA; PEREIRA; MARCO, 2011). O nome dado aos praticantes de parkour do sexo masculino é “*traceurs*” e do feminino “*traceuse*” que vem da palavra “*tracer*”, que significa traçar (BITTENCOURT, 2009).

O parkour foi ganhando nome, espaço e conceito/definição, e nesse contexto foi adentrando ambientes, e um deles é a escola. Corroboramos com Stramandinoli, Remonte e Marchetti (2012), que afirmam que está prática é fundamental dentro do contexto da Educação Física, contudo, ainda encontra-se uma enorme escassez de informações acadêmicas, limitações teóricas e técnicas sobre o parkour no contexto escolar.

Desta forma, nos questionamos: Quais as possibilidades de trabalhar o Parkour no contexto escolar? Partindo dessa premissa, o nosso estudo tem como objetivo apresentar propostas de aulas da prática parkour na educação física escolar. Além disso apresentaremos seis planos de aulas a partir da temática e prática do parkour em uma escola da cidade Natal (RN).

Base nacional comum curricular e as práticas corporais de aventura na escola

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC¹ (BRASIL, 2018), desenvolvida pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC), tem como proposta propiciar a todos uma formação básica para a cidadania. Segundo Sena et al (2016, p. 230) a BNCC “servirá como ferramenta na orientação da construção do currículo das escolas, esclarecendo para o professor quais os conhecimentos fundamentais que os educandos deverão ter acesso em cada ano de escolaridade.” Na BNCC a Educação Física rompem com um processo histórico e cultural de ser uma área que não tem uma organização curricular direcionada para o contexto escolar que atendesse aos alunos a partir do seu nível de escolaridade, faixa etária, maturação física, afetiva e cognitiva (SENA et al., 2016).

Na BNCC a Educação Física é um

[...] componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2018, p. 213).

Considerada como componente curricular obrigatório, a Educação Física pode ampliar a compreensão sobre o movimento humano nas diferentes práticas corporais. Sua atuação se dá especificamente por meio das seguintes unidades temáticas: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Danças, Lutas, Ginásticas e Práticas Corporais de Aventura.

No tocante as Práticas Corporais de Aventura (PCA's), compreende-se que são saberes e conhecimentos que vieram ino-

¹ A Base Nacional Comum Curricular é um documento que determina as competências (gerais e específicas), as habilidades e as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver durante cada etapa da educação básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ver em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

var no que se refere aos conteúdos da educação física brasileira.

Segundo Severino, Pereira e Santos (2016) a inserção da temática aventura na BNCC, foi considerada positiva, “pois houve um notável crescimento da aventura no cotidiano das pessoas, e que a mídia encarrega-se de divulgar as mais diferentes atividades de aventura aumentando o interesse por estas práticas” (p. 111).

Em nossa pesquisa analisamos também o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 1998) e neste documento não apresenta as práticas corporais de aventura e em especial o parkour para aulas de educação física.

Sobre a inserção dessa unidade temática na BNCC, no artigo de Inácio et al. (2016), “Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular” os autores expõem importância para a Educação Física da inclusão desta nesse documento.

Contudo a temática já foi pesquisada e estudada por diversos estudiosos e pesquisadores da Educação Física. Os autores Franco et al. (2011), realizaram um estudo com 111 estudantes do 5º ano do ensino fundamental desenvolvendo cinco modalidades: parkour, skate e patins, arvorismo e corrida de orientação, sendo objeto de aprendizagem das Práticas Corporais de Aventura. Eles identificaram que 54,95% dos estudantes não haviam praticado o parkour na vida e que 56,63% dos estudantes escolheram o parkour como atividade que eles mais gostaram.

No tocante a produção científica sobre Práticas Corporais de Aventura, os autores Tahara e Darido (2016) fizeram uma leitura e análise de 2988 artigos de cinco periódicos reconhecidos pela Qualis/CAPES, com estrato entre A2 a B1, publicados entre 2005 e 2015. Nesse estudo encontraram que 66 desses artigos eram referentes as práticas corporais de aventura, somente 3, dos 66, retratavam as Práticas Corporais de Aventura no universo das aulas de Educação Física escolar e nenhum desses três artigos apresentavam o parkour.

Gaspar e Miranda (2009) em seu artigo apresentou os conteúdos alternativos (*skate, roller, lê parkour, escaladas e rapel*) como elementos para motivar e despertar o interesse dos estudantes pelas aulas de educação física. Os autores acrescentaram que

os professores trabalham apenas os conteúdos tradicionais, de uma maneira extremamente vazia, descompassada, sem objetivos. O professor deve ter uma formação continuada, ou seja, atualizar seus conhecimentos constantemente. Os conteúdos devem estar de acordo com a realidade que o aluno vive, com a realidade do mundo. As aulas necessitam de técnicas de motivação, técnicas que realmente tragam o verdadeiro interesse dos alunos para isto as metodologias necessitam de atualização, inovação, conexão com as tecnologias, devem ser metodologias desafiantes para o aluno e para o próprio professor (GASPAR; MIRANDA, 2009, p. 3318).

Costa e Nascimento (2006, p. 165) ressaltam que a “própria influência da mídia, ao divulgar algumas modalidades esportivas, acaba, indiretamente, gerando uma pressão por parte da sociedade para a aprendizagem de algumas modalidades esportivas, como o futebol, futsal e voleibol, em detrimento das demais.” Nesse sentido, a prática pedagógica apresenta-se ainda atrelada aos esportes tradicionais (futsal, basquete, vôlei e handebol) sendo esse um dos principais problemas que dificulta a implementação de novas práticas.

Vieira, Pereira e Marco (2011) sugerem uma possibilidade de desenvolver a prática no contexto escolar, desenhando tra-

çados de linhas no chão com um giz onde possa ser abordado os movimentos básicos do parkour, utilizando apenas o espaço da sala de aula e um material simples. Em relação ao quesito recurso material, Vieira, Pereira e Marco (2011) reforçam que não são necessários equipamentos ou roupas específicas, apenas um tênis com amortecimento para os pé e roupas confortáveis, que não prendam e nem atrapalhem nos movimentos.

No artigo “Saltando na escola: uma proposta de unidade didática de parkour nas aulas de educação física” Moura e Henriques (2017), apresentam uma sistematização de aulas de parkour para a educação física escolar. Eles destacam que as PCA's na BNCC “exploram as expressões e formas de experimentações corporais provocadas pelas situações de imprevisibilidade quando o praticante interage com um ambiente desafiador. (MOURA; HENRIQUES, 2017, p. 32).

De todos os elementos do parkour o que ainda limita a prática no contexto escolar, são o risco e perigo. O parkour possui características de esportes radicais, dessa forma, podemos encontrar alguns riscos como: quedas, entorses, arranhões, entre outros. Para Severino, Pereira e Santos (2016), o uso do termo radical está atrelado aos riscos e perigos presentes nessas modalidades e sendo vivências que oportunizam aprendizado importante para saber lidar com a incerteza da vida.

Com relação ao risco nas práticas corporais de aventura devemos “identificar o perigo para controlar o risco e assim obter realização segura” (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016, p. 118).

No parkour o risco pode parecer mais incisivo quando analisado que os movimentos de saltos, rolamentos, aterrissagens, dentre outros, são realizados sobre obstáculos como: paredes, árvores, mesas, escadas e etc., ou seja, superfícies sólidas e algumas até ásperas. De maneira geral, para a prática do parkour não há exigência de equipamentos de segurança.

Diante desse cenário, o criador do parkour faz um relato a respeito desse pensamento sobre a prática

[...] mas hoje em dia eu só escuto: ‘Tome cuidado, você vai se machucar’. Eu tenho a impressão de que o medo é transferido, você pode inspirar coragem, mas também pode inspirar muito medo. E nós estamos em uma sociedade... Hoje todos vivem com medo, todo mundo tranca suas portas, todos se estressam. Todo mundo é... Como poderemos confiar em pessoas assim? E se hoje a nova geração tiver exemplos onde elas aprendam a ter um pouco de coragem e confiança a si mesmos, eles serão os pais de amanhã² (BELLE, 2009).

Baseado nas situações do contexto escolar, supracitadas, pode-se verificar que alguns professores de Educação Física limitam suas aulas na escola por não terem conhecimentos sobre o parkour. Nessa perspectiva, Inácio et al. (2016, p. 8) destaca

[...] que a busca por estes elementos constituintes não deve ser marginalizada: não há porque restringir o acesso dos alunos a diferentes emoções, distintas sensações e à ampliação de seu acervo de movimentos; justificar uma possível restrição pela impossibilidade de reprodução tácita das PCA's no ambiente escolar é esquivar-se da responsabilidade pedagógica que assumimos na tarefa docente.

Justificamos o estudo dessa temática, pela vivência da prática a mais de oito anos, e por observar no contexto escolar das escolas do município do Natal (RN), públicas e privadas, a ausência do desenvolvimento de aulas sobre o parkour. Pretendemos com esse estudo ampliar a literatura da unidade temática

² Documentário: Eu salto de telhado em telhado. Fala do David Belle aos 12 minutos e 07 segundos do vídeo.

Práticas Corporais de Aventura, em especial o parkour, proposto na BNCC (BRASIL, 2018). Nesse sentido, favorecer a disseminação desta prática no contexto social e escolar. Visamos assim, oportunizar o conhecimento e a vivência de uma prática corporal de aventura para os estudantes, tendo em vista as possibilidades de ampliar a sua cultura de movimento.

MÉTODOS

O presente trabalho é uma pesquisa aplicada de natureza qualitativa, do tipo descritiva e participativa. Triviños (1987 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009) afirma que a pesquisa descritiva pretende descrever os fatos e fenômenos de um determinado contexto. No nosso estudo, pretendemos descrever a aplicação de aulas de educação física a partir da unidade temática práticas corporais de aventura, em especial, o parkour.

No tocante a pesquisa participativa, caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores e dos estudantes no contexto do estudo. Dessa forma, o método de investigação foi a observação participante havendo de forma direta o envolvimento dos pesquisadores nas intervenções e desenvolvimento das aulas. Segundo Esteban (2010) a pesquisa participativa busca a plena participação da comunidade (estudantes) na análise da própria realidade (as aulas) para promover a transformação social para o benefício de todos envolvidos. Na nossa pesquisa o objetivo não foi só descrever os problemas, mas gerar nos estudantes os conhecimentos necessários sobre o parkour para juntos, definir as ações adequadas visando aprendizado, mudanças (cognitivas e sócio emocional) e experiências da prática.

Segundo Moreira (2004) o pesquisador parte das observações do comportamento verbal e não verbal dos participantes, de seu meio ambiente, das anotações que ele mesmo fez quando no campo, de vídeo e imagens.

Desta forma, realizamos a observação das aulas, participando delas de forma ativa, intervindo e direcionando as atividades, para que eles pudessem vivenciar os movimentos do parkour, e assim promover a aprendizagem dos estudantes.

Os sujeitos da pesquisa foram 28 estudantes do 9º ano do ensino fundamental anos finais de uma escola privada da zona norte da cidade do Natal (RN).

Utilizamos como técnica de coleta de dados a observação das aulas. Os instrumentos de coleta dos dados foram por meio de registros, usando diário de campo e os planos de aulas. Os registros de imagens e vídeos das aulas foram realizados, contudo, não foi autorizado o uso desses registros por parte da escola e por alguns estudantes da pesquisa.

Desenvolvimento das aulas

A primeira etapa da pesquisa foi uma visita a escola, para explicar o objetivo desta a equipe de gestores e o professor de Educação Física. Em seguida, com autorização do professor de Educação Física, no mesmo dia, observamos suas aulas com todas as turmas. Ao término das aulas, conversamos com o professor sobre a pesquisa e a proposta de intervenção. Após o diálogo sobre o desenvolvimento do estudo, solicitamos a autorização para realizar as intervenções na turma do 9º ano do ensino fundamental, a partir da temática parkour.

Na segunda etapa da pesquisa elaboramos os planos de au-

las. Foram seis planos de aulas para seis encontros com os estudantes da turma do 9º ano do ensino fundamental.

RESULTADOS

AULA 1

O primeiro encontro aconteceu no dia 17 de abril de 2017. Antes do início da aula, fomos ao pátio, sem a presença dos estudantes, e montamos alguns obstáculos utilizando blocos de tatame e cada um com espessura 30 centímetros. Montamos dois obstáculos no pátio. O primeiro foi organizando com apenas dois blocos empilhados e ficou com 60 centímetros de altura. O segundo, com três blocos, e este ficou com uma altura de 90 centímetros (Figura 1). Todos os materiais utilizados nas aulas são da escola, nos ajudando a organizar as aulas com facilidade.

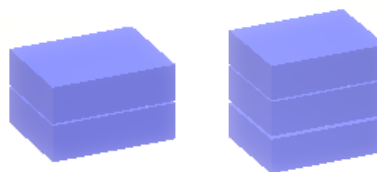


Figura 1. Dois e três blocos empilhados.

No que se refere a utilização do pátio como espaço destinado às aulas de Educação Física, Franco et al. (2011) afirmam que, não podemos nos limitar a conteúdos ministrados apenas na quadra poliesportiva e sua estrutura física tradicional (com linhas e marcações). Pereira e Armbrust (2010) afirmam que durante o planejamento para as aulas o professor deve mudar sua percepção do ambiente exclusivo das quadras para todos os possíveis espaços e locais da escola. Os autores destacam que “um muro pode ser uma parede de escalada, uma escada é um obstáculo para se transpor, um compensado de madeira é uma rampa, uma coluna é um acesso para um rapel ou uma tirolesa, uma madeira é uma prancha e uma piscina é um mar” (PEREIRA; ARMBRUST, 2010, p. 51).

Em seguida, fomos à sala de aula ao encontro dos estudantes e os levamos ao pátio. Percebemos que todos estavam bem ansiosos para saber como seria a aula. Ao chegar no pátio, dialogamos sobre a prática e explicamos como seriam as atividades.

Iniciamos com a pergunta: *quem conhece a prática do parkour?* Alguns afirmaram que não sabiam o que era e outros afirmaram que já tinham visto em filmes pessoas pulando prédios. A princípio afirmamos que o parkour estava representado nesses filmes, porém não se resumia a apenas o que foi visto por eles, mas sim, uma prática com muitas possibilidades de movimentos que pode ser realizada por todos, de forma fácil.

Logo em seguida explicamos que saltar de uma linha para a outra desenhada no chão já poderia ser um dos fundamentos da prática do parkour. Os autores Pereira e Armbrust (2010) afirmam que os movimentos presentes na prática do parkour não são nenhuma novidade, mas sua originalidade vem por realizá-los de forma desafiadora. Com isto, os estudantes pediram para que fosse apresentado como poderia ser feito esse movimento. Realizamos o movimento de Salto de Precisão do

parkour, partindo de duas sombras originadas pela luz do sol no pátio, presentes no momento da aula em forma de linhas. Os estudantes ficaram entusiasmados e ansiosos, e rapidamente pediram para que o movimento fosse repetido. Após realizarmos o movimento, questionamos se eles desejavam participar da aula, e de forma unânime, todos confirmaram a participação.

Antes da realização da prática pelos estudantes, apresentamos o parkour evidenciando seu conceito e sua filosofia. Posteriormente a essa etapa, demos o movimento de Kong³ (Figura 2).

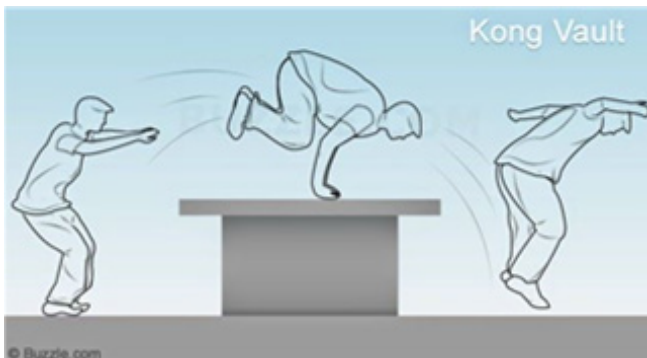


Figura 2. Movimento kong.
Fonte: <https://pin.it/iJLF8oC>.

Percebemos que os estudantes ficaram com medo de realizar o movimento devido à sua complexidade. Porém, foi explicado passo a passo como realizar o movimento e como poderiam executar de forma simples e fácil. Após essa explicação, os estudantes conseguiram realizar o movimento. Para Carnicelli (2007), o medo faz parte dessas práticas corporais, pois elas apresentam o elemento risco e por serem pouco vivenciadas.

Após a experiência com o movimento Kong, demos mais três movimentos diferentes contidos na prática do parkour, que são: *Spin*⁴ (Figura 3) *Speed*⁵ (Figura 4) e Rolamento⁶ (Figura 5). Orientamos que eles executassem primeiro, usando os obstáculos (blocos de tatame empilhados), o movimento de Kong, posteriormente o movimento de *Speed*, e ao final o movimento Spin, seguindo a sequência da distribuição dos obstáculos no pátio.

Foram organizadas duas filas de frente para o obstáculo (blocos de tatame maiores). Informamos que eles tinham liberdade para realizar os movimentos, se desafiando (a sua escolha) e tentando ultrapassar os obstáculos de várias formas, a partir do apresentado anteriormente.

No que se refere a “liberdade”, Alves e Corsino (2013) comentam que o parkour é um esporte altamente democrático, logo, não exige gestos motores específicos para transpor os obstáculos, mas sim, o domínio de alguns fundamentos básicos para a sua realização.

³ Kong: transpor o obstáculo apoiando-se primeiramente com as mãos de forma paralela no local e passando as pernas entre os braços.

⁴ Spin: apoiar as mãos sobre o obstáculo de forma paralela e girar o corpo em 360 graus para aterrissar no mesmo lugar.

⁵ Speed: transpor o obstáculo apoiando-se com apenas uma das mãos e lateralizando o corpo no momento da ultrapassagem com relação ao objeto.

⁶ Rolamento: apoiar as mãos no chão se mantendo agachado e em seguida projetar as costas para chão e retornar a posição inicial.

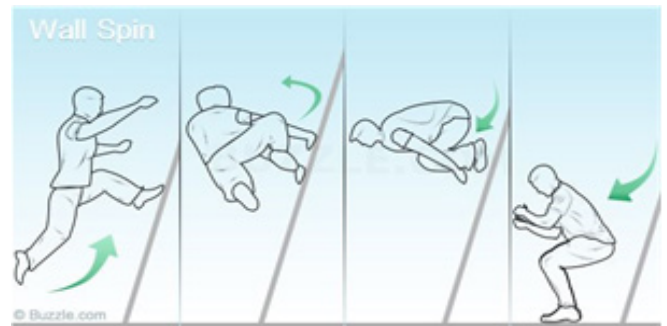


Figura 3. Movimento spin.
Fonte: <https://pin.it/1iWnRZY>.

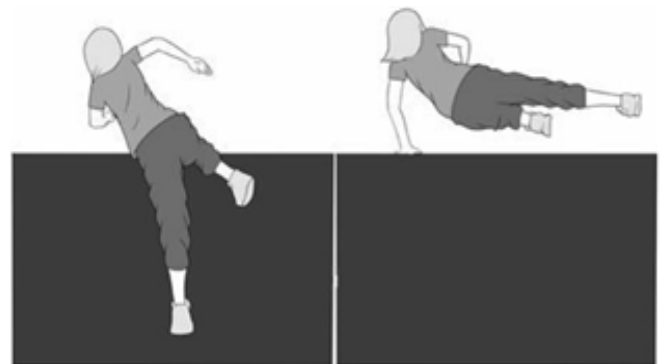


Figura 4. Movimento speed.
Fonte: <https://pin.it/2s7f43g>.

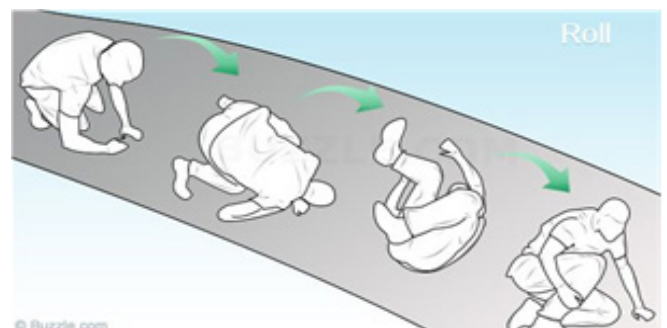


Figura 5. Movimento rolamento.
Fonte: <https://pin.it/3MnjTVf>.

Como forma de segurança, proteção e auxílio aos estudantes na realização dos movimentos, ficamos próximos aos obstáculos. A todo tempo demos orientações para que eles se dedicassem a fazer os movimentos de uma maneira mais fluente. Observamos que na realização dos movimentos pelos primeiros estudantes, os seguintes se interessaram em executar de uma maneira mais técnica. Verificamos que houve uma preocupação dos estudantes em não conseguir executar os movimentos, mesmo sendo da forma mais fácil e observamos que alguns estavam desistindo de realizar.

Nesse momento, resolvemos intervir e pedimos que eles explorassem e ultrapassassem o obstáculo da forma que consideravam mais adequada e agradável para cada um. Os estudantes continuaram a realizar os movimentos e alguns sempre solicita-

vam para visualizar novamente a execução do movimento, para posteriormente realizar.

Percebemos nesse momento, na medida que os estudantes realizavam e repetiam os movimentos, que eles iam incorporando as habilidades motoras básicas e específicas, e as técnicas destes. Assim, com as experimentações das diversas formas de deslocamento sobre os obstáculos, como também a observação dos colegas praticando, os estudantes foram adquirindo coragem e confiança. No decorrer da aula, com esses sentimentos e apropriações das técnicas de locomoção da prática, os estudantes passaram à realizá-los com mais facilidade e, em pouco tempo, já estava se desafiando a cada repetição.

A princípio este não foi o início esperado, mas no estudo de Franco et al. (2011) ocorreu uma experiência similar, onde os estudantes encontraram embaraços e certas dificuldades nas atividades de parkour, porém, foi a atividade que os estudantes mais gostaram entendemos assim, que a dificuldade é desafio atraente.

Mais a diante na aula, para a realização do quarto movimento, nós direcionamos os alunos para três blocos de tatames (Figura 6) formando outra fila e foi demonstrado como realizar o rolamento de forma fácil e segura.

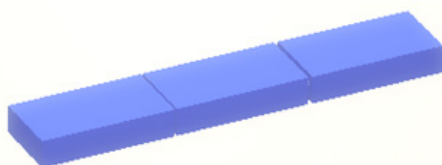


Figura 6. Três blocos de tatames.

Por fim, o quinto e último movimento, explicamos como eles poderiam realizar o movimento de Salto de Precisão (Figura 7) (saltar de um lugar para o outro com os pés juntos e aterrissando da mesma maneira) da pilha maior para a pilha menor.

Organizamos a turma em uma fila atrás do bloco de tatame de um metro, e eles começaram a realizar o movimento, enquanto nós os auxiliávamos, chegando ao fim da aula.

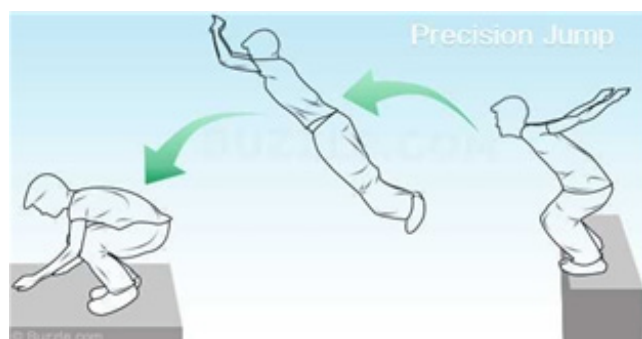


Figura 7. Movimento salto de precisão.

Fonte: <https://pin.it/7cy8C5L>.

Organizamos a turma em uma fila atrás do bloco de tatame de um metro, e eles começaram a realizar o movimento, enquanto nós os auxiliávamos, chegando ao fim da aula.

AULA 2

A segunda aula aconteceu no dia 24 de abril de 2017. Organizamos o pátio, de forma antecipada sem a presença dos estudantes, com blocos de tatame em linha, partindo do centro do pátio em direção a suas extremidades. Os blocos possuíam cores diferentes em cada face (azul e vermelho), dessa forma os primeiros dois blocos do centro e os últimos das extremidades eram azuis, os blocos de cada extremidade estavam soltos com uma certa distância daqueles presentes no "percurso", sendo assim, todos os outros blocos entre os azuis eram vermelhos (Figura 8).

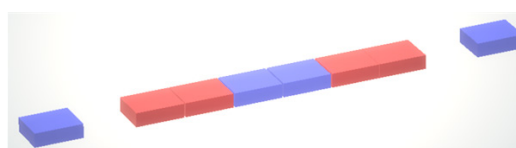


Figura 8. Blocos de tatames (azuis e vermelhos).

Após a organização no pátio, fomos até a sala e conduzimos os estudantes até o pátio da escola, onde os organizamos em forma de semicírculo. Explicamos que as atividades que iriam ser ministradas englobavam os princípios dos movimentos do parkour.

A turma composta por 28 estudantes, foi dividida em quatro grupos iguais, tendo cada grupo, 7 estudantes. A distribuição foi realizada dessa forma, devido o espaço do pátio ser pequeno. Desse modo, 14 estudantes participaram da prática, e os demais ficaram auxiliando os colegas sobre as formas de execução dos movimentos, sugerindo estratégias de transpor os obstáculos e da maneira correta.

Os 14 estudantes que participaram inicialmente da prática, foram divididos em dois grupos e enumerados em ordem crescente de 1 a 7 e pedimos que cada um memorizasse seu número. De modo que, nos dois grupos, existiam dois estudantes número 1 (um). Organizamos os grupos sentados no chão, distante um braço do colega do lado e que todos cruzassem as pernas (Figura 9).

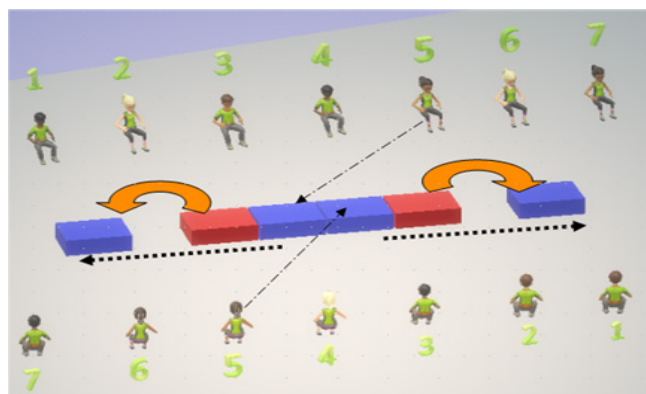


Figura 9. Estudantes organizados para a prática.

Os dois grupos ficaram um de frente para o outro, no mesmo sentido da linha de blocos de tatame. Em seguida explicamos que seria falado uma equação matemática de adição, subtração ou multiplicação, e o resultado dessas equações, é um número de 1 a 7. Os estudantes que tivessem seu número chamado, deveriam levantar e se deslocar até o bloco azul situado no centro do pátio. , posteriormente, se movimentariam sobre o bloco vermelho que estivesse à sua direita e saltariam para o bloco azul, realizando um salto de precisão, com os dois pés juntos.

Iniciado a atividade, alguns não acertaram o lado para qual deveriam correr após chegar aos blocos do centro, mas logo em seguida, reforçamos a informação do lado correto. Observamos que os estudantes que estavam fora da atividade começaram a incentivar os que estavam participando da prática. Isso gerou uma euforia por parte de alguns estudantes gerando uma competição entre eles.

Esse acontecimento ocasionou reflexões sobre a essência da prática do parkour. Segundo Pereira, Honorato e Auricchio (2020, p. 135) o parkour é uma prática que apresenta alguns princípios básicos, como:

[...] a transmissão voluntária do saber aos menos experientes, a não comparação dos feitos de um sobre o outro, a tentativa de auto superação constante, o fortalecimento corporal para ajudar o próximo, a melhoria da confiança para atingir a precisão do controle do corpo sobre o espaço (PEREIRA; HONORATO; AURICCHIO, 2020, p. 135).

Nesse contexto, sabe-se que as práticas corporais sofrem influência das mídias, que na sua maioria veiculam essas práticas numa perspectiva competitiva. No contexto escolar é importante que o professor, nas suas aulas, faça a abordagem dos princípios do parkour, como afirmado por Pereira, Honorato e Auricchio (2020), no entendimento desta como manifestação de autossuperação, de fortalecimento corporal visando o cuidado de si e do outro, da melhoria da confiança, entre outros valores e benefícios.

Uma problemática surgiu quando eles não começaram a subir no bloco azul, seguindo diretamente para o bloco vermelho para realizar mais facilmente e mais rápido o movimento. Como forma de contornar essa situação, intervimos desenvolvendo uma nova regra, em que eles deveriam tocar com uma das mãos no bloco azul do centro, para poder assim se deslocar e saltar em direção ao bloco azul da extremidade. Os autores Pereira, Honorato e Auricchio (2020) alertam sobre esse comportamento competitivo, gerando insolidariedade e hostilidade. Os autores relatam que “a visão esportiva exclusiva da prática competitiva é criticada pelos praticantes por direcionar a vitória a qualquer preço e isso retiraria dos praticantes sua característica principal de ser útil a si mesmo e aos outros, ou seja, seu ideal altruísta.” (p. 146-7).

É importante o professor de Educação Física no âmbito escolar evidenciar os elementos, características e princípios do parkour, destacando que o seu objetivo é promover o desenvolvimento e formação do indivíduo nas diversas dimensões humanas (social, cultural, física, motora, afetiva, etc.). Como ressaltam Pereira, Honorato e Auricchio (2020, p. 149) o parkour objetiva “o bem-estar e a qualidade de vida dos seus praticantes, que treinam suas habilidades motivados pela superação pessoal e sempre incentivados pelos colegas do grupo ao qual pertencem.”

Após todos os estudantes vivenciarem a atividade, realizamos uma modificação, onde aumentaríamos para três valores contidos nas equações (exemplo: $3+2 \times 5$). Alguns estudantes sugeriram adicionar a equação de raiz quadrada, e foi acatado por todos. Modificamos também a organização dos blocos, inserindo um bloco vermelho e um azul, de cada lado, afastados dos blocos azul e vermelho, que estava no centro, com isso, eles teriam que realizar dois saltos para chegar ao destino (Figura 10).

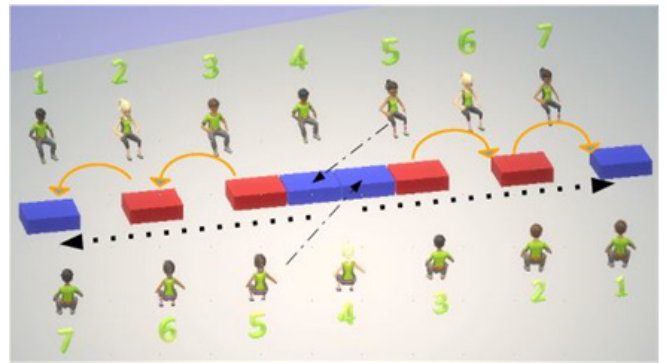


Figura 10. Estudantes organizados para a prática.

Em seguida, tendo todos os estudantes participados da atividade, modificamos mais uma vez o trajeto que eles deveriam percorrer, tirando da linha contínua o penúltimo bloco de tatame vermelho e organizando os três blocos que ficaram soltos de forma alternada. Por fim, acrescentamos uma regra em que eles teriam agora que saltar com as pernas juntas e aterrissar da mesma forma, a partir do primeiro bloco solto se aproximando do princípio do Salto de Precisão na prática do parkour (Figura 11).

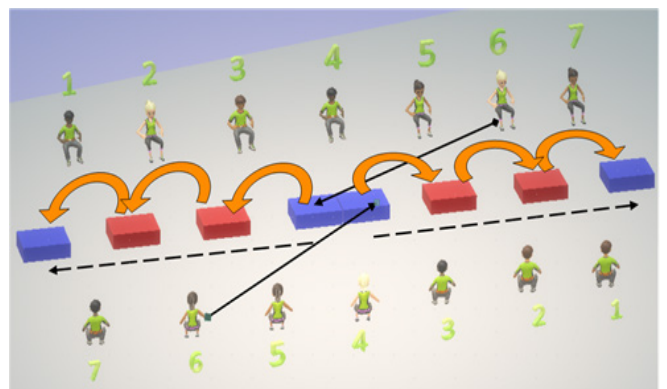


Figura 11. Estudantes organizados para a prática

A atividade consistiu em se deslocar até o bloco azul central, saltar de um bloco para o outro para chegar ao objetivo final (último bloco azul). Os estudantes devem realizar o salto de precisão com os dois pés juntos, ultrapassar obstáculo (que está presente na atividade como o vão entre os blocos), equilibrar-se para não cair para fora dos blocos que aterrissou. Esse movimento segundo Lordêllo et al. (2012), fazem parte dos princípios dos fundamentos do parkour.

Ao término da aula, levamos os estudantes para a sala de

aula. Nesse momento, perguntamos o que eles tinham aprendido sobre a aula. Um estudante relatou que aprendeu sobre o contexto histórico do parkour, outro afirmou com relação a parte das vivências, onde ele aprendeu a realizar o movimento de rolamento. Por fim, objetivando realizar uma avaliação diagnóstica para a próxima aula, questionamos o que eles gostariam de aprender sobre o parkour, e foi relatado que fosse apresentado sobre o criador do parkour, como também a relação do parkour e o filme de *Assassin's Creed*.

AULA 3

O terceiro encontro aconteceu no dia 25 de abril de 2017. Nessa aula, levamos os estudantes para a sala de vídeo da escola. Pela experiência da aula anterior, todos estavam ansiosos. Explicamos que abordariamos algumas informações sobre o parkour, como: a) Surgimento do parkour; b) Sua influência do Método Natural; c) Treinamento militar criado por Georges Héberts e os movimentos desse método, como: marchar, correr, saltar, escalar, entre outros; d) A história de Raymond Belle, sendo o criador do parkour; e) Utilização de alguns dos fundamentos do método natural; e) David Belle, o fundador e o mais influente do parkour pelo mundo; f) O desenvolvimento das técnicas de ultrapassar obstáculos; e g) A criação do parkour.

Segundo Stramandinoli, Remonte e Marchetti (2012) para entender o parkour, é necessário inicialmente conhecer suas raízes, os princípios filosóficos, seus precursores, suas características e elementos que o envolve.

Iniciamos apresentando trechos do filme *B-13*⁷, onde exibia movimentos do parkour. Os estudantes ficaram encantados pelos movimentos do criador do parkour sendo alguns realizados por eles nas vivências no pátio. Após esse vídeo, apresentamos um documentário onde mostrava David Belle dando orientações para os atores do filme *Prince of Pérsia*, como eles deveriam realizar os movimentos que continham os princípios e elementos do parkour. Em seguida, exibimos um vídeo sobre um atleta de parkour.

Encerramos a aula informando que o próximo encontro seria na sala de vídeo para dar continuidade a abordagem da prática parkour.

AULA 4

O quarto encontro aconteceu no dia 02 de maio de 2017. Nessa aula levamos os estudantes para a sala de vídeo. Iniciamos a aula expondo sobre os fundamentos do parkour e apresentamos imagens impressas de atletas e praticantes da modalidade realizando movimentos. Depois apresentamos vídeos que descreviam e explicavam, passo a passo, os movimentos: *Cat Leap*, *Kong*, *Dash*, *Spin*, *Speed*, *Wall Spin*, Salto de Precisão, Rolamento e Tic-Tac. No decorrer da apresentação do vídeo, falamos sobre: a) possibilidade de diminuir o grau de dificuldade dos movimentos; b) realização destes em espaços que contribuam para uma maior segurança; c) breve conscientização dos riscos encontrados em alguns movimentos que podem utilizar-se de passadas ou corridas para serem realizados; d) os movi-

⁷ O filme *B1* – Brick Mansions é uma área da cidade de Detroit onde a violência tem índices altíssimos, o que fez com que a prefeitura local praticamente abandonasse o local à própria sorte. Um dos poucos que tentam realmente seguir as leis é Damien Collier, um detetive que recebe como missão entrar em Brick Mansions para resgatar uma bomba que pode matar milhões. Para tanto, ele precisa contar com a ajuda de Lino, que deseja retornar ao local para resgatar Lola, sua irmã, que foi raptada.

mentos mais simples do parkour podem se tornar mais desafiadores acrescentando distância e/ou altura aos obstáculos; e) a prática frequente do esporte e a convivência com os mesmos movimentos tornam eles cada vez mais simples, fazendo com que o praticante acabe procurando realizar movimentos mais difíceis com o tempo; f) movimentos mais simples do parkour como base para aprendizagem de outros movimentos mais complexos.

Informamos que alguns dos fundamentos do parkour estão presentes em outros esportes, como por exemplo, o movimento do salto que pode ser encontrado no vôlei e no basquete. Nesse momento, questionamos: “Quando um salto será um movimento de parkour?”. Demos um tempo para eles refletirem e pensarem sobre a pergunta, contudo ninguém respondeu. Dessa forma, explicamos que o “saltar” do parkour apresenta as características básicas, provindas da sua origem, sua criação, da cultura de onde originou. Para Stramandinoli, Remonte e Marchetti (2012), características como: radicalidade, persistência, paciência e socialização, fazem parte da essência da prática do parkour. Diante do exposto, o movimento de saltar do parkour implica para além do “fazer”, em que há uma relação do corpo com o ambiente que cerca o praticante. Percebe-se que o saltar objetiva ultrapassar um obstáculo, e nesse envolve a percepção do cuidado de si e com o próximo, numa relação de situações desafiadoras e de proteção dos praticantes.

AULA 5

O quinto encontro aconteceu no dia 08 de maio de 2017. Antes de começar a aula, sem a presença dos estudantes no pátio, montamos um circuito no pátio (Figura 12). Em um dos lados do pátio, colocamos dois blocos de tatames alinhados e entre eles deixamos um espaço vazio. Mais adiante, na mesma linha, empilhamos um conjunto de blocos de tatames (de 1 metro), em seguida, mais a frente, colocamos um bloco de tatame no chão e mais à frente dele, três blocos enfileirados. No lado oposto do pátio, colocamos uma corda no chão em linha reta, posteriormente a ela traçamos outra linha, com fita isolante e mais a frente, organizamos em quatro linhas, um conjunto de traves de cano, que possuíam três alturas (pequena - 30 centímetros; média - 60 centímetros; e grande - 1 metro).

Na primeira linha, da direita para esquerda, colocamos uma trave pequena e uma média. Na segunda linha, colocamos uma trave pequena e duas médias. Na terceira linha, colocamos uma trave de cada tamanho, pequena, média e grande. E na última e quarta linha, colocamos uma trave pequena, duas médias e uma grande. Ao final, depois das traves, montamos na frente das traves, uma fileira com três tatames em cada uma das quatro fileiras de traves.

Com os estudantes presentes no pátio, organizados a turma em semicírculo e explicamos a atividade. Na parte que colocamos dois blocos no chão com um espaço vazio entre eles, os estudantes deveriam realizar um salto de precisão, com as pernas juntas, de um para o outro. No próximo obstáculo, uma pilha de blocos, eles deveriam ultrapassá-lo da maneira que lhe fosse melhor para cada um. A única regra nesse obstáculo era que, para ultrapassá-lo eles teriam que colocar pelo menos uma das mãos sobre o obstáculo, o resto ficaria por conta da sua criatividade e desejo de realizar os movimentos.

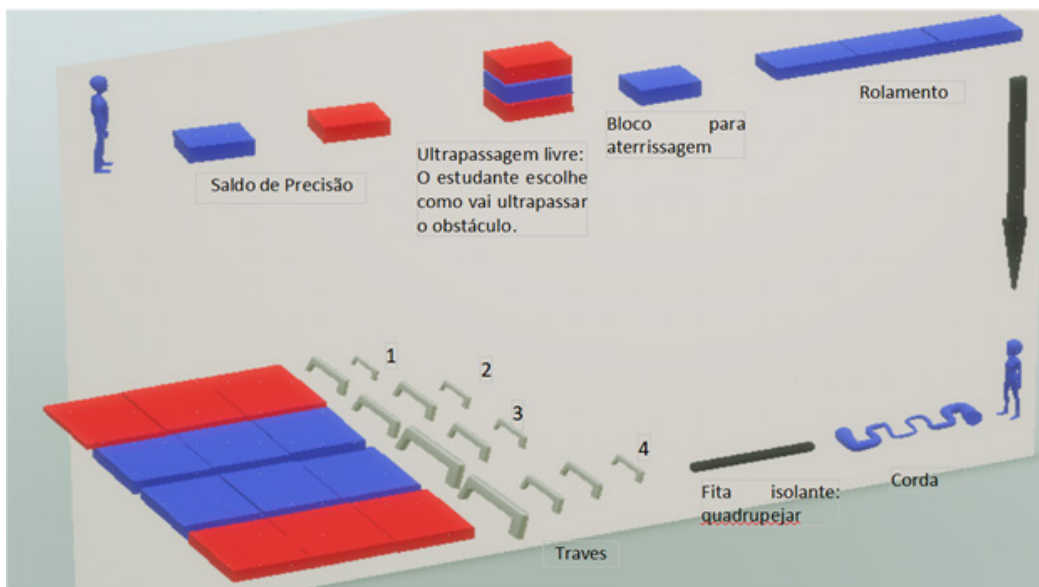


Figura 12. Estudantes organizados para a prática.

Para preservar a segurança dos estudantes, havia um bloco de tatame no chão, logo após os blocos empilhados, que tinha como objetivo amortecer a aterrissagem do estudante após a sua passagem.

Mais à frente nos três blocos de tatames enfileirados, eles deveriam realizar o rolamento. Seguindo para o outro lado do pátio, os estudantes encontravam uma corda, em que eles deveriam andar em cima, se equilibrando, sem tocar com os pés no chão. Posteriormente, na linha feita de fita isolante, eles deveriam mover-se sobre ela em quatro apoio (quadrupelar). Por fim, a última tarefa escolher a linha que compunha um conjunto de traves, podendo realizar uma corrida antes de saltar. Foram inseridos, após os conjuntos de traves blocos de tatames no chão que serviram para amortecer o último salto, ficando a critério do estudante realizar um rolamento.

Pedimos para que todos percorressem o circuito duas vezes, e ficamos auxiliando aqueles que tinham dúvidas sobre algum movimento. Após a realização do percurso, alguns estudantes perguntaram se poderiam realizar o percurso sem seguir a sequência. Nesse momento, informamos que eles poderiam explorar e realizar os obstáculos da forma que desejassem. Após essa orientação, os estudantes se dirigiram aos diversos obstáculos para realizar os movimentos e continuávamos auxiliando-os.

Modificamos alguns obstáculos no decorrer da aula, observando que os estudantes demonstravam anseio por obstáculos que promove situações mais desafiadoras. Fazendo essas modificações, os obstáculos se tornaram mais atrativos. Nesse momento enfatizamos, que para a execução, eles deveriam pensarem no movimento antes de realizá-lo. Diante disso, Bianchi (2008) afirma que antes de executar quaisquer movimentos, é importante a avaliação da capacidade de realizar a tarefa e analisar qual seu nível de complexidade visando garantir a segurança e a melhor execução do movimento.

Ao final, em sala de aula, perguntamos sobre a aula e o que eles aprenderam. Os estudantes relataram que as vivências dos

movimentos foram positivas e que se sentiram desafiados a cada obstáculo mais difícil. Questionamos quais assuntos eles queriam que fossem abordados na próxima aula, e um dos estudantes sugeriu sobre os benefícios do parkour para o corpo e outro solicitou assistir vídeos de crianças que praticam parkour.

AULA 6

O sexto encontro aconteceu no dia 9 de maio de 2017. Levamos os estudantes para a sala de vídeo, e apresentamos o conceito de obstáculo no parkour, onde este pode ser considerado o espaço físico utilizado para realizar o movimento e ser classificado como horizontal ou vertical, dependendo do vetor predominante apresentado pela realização do movimento. Expomos os benefícios ao corpo em decorrência da prática do parkour e que este promove o desenvolvimento da força, flexibilidade e resistência (VIEIRA; PEREIRA; MARCO, 2011).

Questionamos aos estudantes se há uma idade para praticar o parkour, e a maioria deles responderam “não”. Desse modo, eles perceberam, a partir das vivências, que o parkour pode ser praticado por qualquer pessoa não importa a idade. Em seguida, apresentamos para eles, imagens de pessoas mais velhas praticando parkour nos EUA, Londres e São Paulo, e crianças praticando parkour na cidade do Natal (RN). Vieira, Pereira e Marco (2011) afirmam que o parkour pode ser praticado por adultos e crianças, homens e mulheres, ou mesmo por pessoas que não costumam fazer atividade física.

No tocante a prática do parkour por pessoas mais velhas e não experientes, a autora Poon (2018), em sua matéria “*Can parkour Teach Older People to ‘Fall Better’?*”, afirma que o parkour não é apenas a vivência de saltos extremos, mas se concentra no equilíbrio e na agilidade, sendo capacidades físicas que evitar lesões à medida que as pessoas envelhecem. Nesse sentido, o parkour adaptado e modificado, com estratégia de ensino adequada e objetivo propício para as capacidades de

cada praticante ou *traceurs*, seja criança, adolescente, adulto e idoso, pode ser praticado e é acessível a todos.

Por fim, apresentamos alguns jogos digitais que estão relacionado ao parkour, com o *League of Legends*⁸ onde um dos personagens realiza os movimentos de parkour para ultrapassar paredes. Outro jogo é o *Dying Light*⁹ onde o David Belle ajudou a criar os movimentos de parkour feito pelo personagem principal do jogo.

CONCLUSÃO

Concluimos que a prática do parkour desenvolvida nas aulas de educação física no ensino fundamental, é de suma importância para o processo de aprendizagem dos estudantes no que se refere as Práticas Corporais de Aventura. Compreendemos que esse conteúdo é novo para muitos professores de Educação Física, visto que o mesmo também é novo na área da educação física escolar. Destacamos que há uma necessidade de formação destes professores para o desenvolvimento das práticas corporais em especial o parkour, já que é uma prática que atualmente vem se disseminando pela mídia, assim como vem sendo abordados por praticantes de forma isolada nos âmbitos sociais.

O desenvolvimento das aulas foi significativo para os estudantes no que se refere as vivências e aprendizagens. A prática do parkour na escola promove o desenvolvimento de habilidades motoras e as capacidades físicas e cognitivas, como criticidade e resolução de problemas, desses estudantes. Observamos que os planos de aulas ministrados possibilitaram a participação, o entusiasmo e o empenho dos estudantes nas diversas perspectivas de aprendizagens (motoras, cognitivas, afetivas, cultural, social e emocional) do parkour. Com relação ao espaço e recursos materiais, desenvolvemos as aulas utilizamos o pátio e os materiais existentes da escola (tatames, traves pequenas de cano, cordas e uma fita isolante), de forma motivante, criativa e lúdica, possibilitando a participação de todos.

A pretensão foi de contribuir com a prática pedagógica dos professores que estão no contexto escolar, apresentando-se como um material orientador para conhecimento, compreensão e possibilidade de aplicação do parkour nas aulas de educação física escolar no ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. S. R.; CORSINO, L. N. O parkour como possibilidade para a educação física escolar. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 41, p. 247-57, 2013.

BIANCHI, J. G. **O parkour**. O desenvolvimento do indivíduo que prática essa atividade física. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://jupersonal.freevar.com/artigo_parkour.html>. Acessado em: 26 de abril de 2020.

BITTENCOURT, E. **Parkour Brasil**: História do Parkour. 2008-2009. Disponível em: <https://www.parkourbrasil.com/2009/03/historia-do-parkour_22.html?m=1>. Acessado em: 17 de novembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: proposta preliminar. 2. ed. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acessado em: 02 de maio de 2020

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Fundamental**.

⁸ É um jogo online competitivo que mistura a velocidade e a intensidade de um RTS com elementos de RPG.

⁹ Dying Light é um jogo na primeira pessoa de ação e sobrevivência que se foca num vírus que torna as pessoas em mortos-vivos.

Parâmetros Curriculares nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARNICELLI FILHO, S. **O prazer e o medo nas atividades físicas de aventura na natureza**. 2007. 156f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. Prática pedagógica de professores de Educação Física: conteúdos e abordagens pedagógicas. *Journal of Physical Education*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 161-7, 2006.

DAVID B. **Eu salto de telhado em telhado** - Agosto 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P5Lkt3CZW2A>>. Acessado em: 01 de maio de 2020.

DJORDJEVIC, D. **O espírito do parkour**. 2006. Disponível em: <<http://blog.parkour.com.br/2006/05/o-esprito-do-parkour-o-texto-abaixo/>>. Acessado em: 04 de maio de 2020.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FRANCO, L. C. P.; DE OLIVEIRA, E. C.; DE OLIVEIRA, I. L.; OLIVEIRA, M. A. Atividades físicas de aventura: proposta de um conteúdo na educação física escolar no ensino fundamental. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 18-35, 2011.

GASPAR, D.; MIRANDA, S. de. Conteúdos alternativos que desencadeiam a motivação dos alunos nas aulas de educação física do ensino médio. In: Congresso Nacional de Educação. 2009. Congresso Nacional de Educação. **Anais...** Curitiba – PR: Editora Champagnat. p. 3310-3320. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2884_1524.pdf>. Acessado em: 09 de junho de 2020.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

INÁCIO, H. L.; CAUPER, D. A. C.; SILVA, L. A. P.; MORAIS, G. G. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da base nacional comum curricular. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 168-87, 2016.

LORDÉLLO, A. F.; ALMEIDA, R. S.; PARAÍSO, C. S.; RODRIGUES, R. C. F. Oficina sobre Parkour: uma experiência na disciplina ginástica escolar. In: IV Congresso Nordeste de Ciências do Esporte - CONECE. **Anais...** Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) - Bahia, 19 a 21 de setembro, 2012. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/4conecene2012/paper/viewFile/4535/2354>>. Acessado em: 10 de abril de 2020.

MOREIRA, D. Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico. *Innovation & Management Review*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 5-19, 2004.

MOURA, D. L.; HENRIQUES, I. A. D. Saltando na escola: uma proposta de unidade didática de parkour nas aulas de educação física. *Cadernos de Formação RBCE*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 31-44, 2018.

ORLANDI, E. Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito. *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 34, p. 75-87, 2014.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura, 2010.

PEREIRA, D. W.; HONORATO, T.; AURICCHIO, J. R. Parkour. *Licere*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 134-52, 2020.

POON, L. Can parkour teach older people to 'fall better'? *Citylab*, Alexandria, Virginia, 19 de dez. de 2018. Disponível em: <https://www.citylab.com/life/2018/12/parkour-class-50-plus-aging-fall-prevention-exercise/577900/?utm_source=nextdraft&utm_medium=email>. Acessado em: 29 de abril de 2020.

SENA, D. C. S.; RODRIGUES, W. C. M. F.; SOBRINHO, J. M.; DANTAS, M. J. B.; SILVA, C. G. L. S. A BNCC em discussão na formação continuada de professores de educação física: um relato de experiência – Natal/RN. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 227-41, 2016.

SEVERINO, A. J.; PEREIRA, D. W.; SANTOS, V. S. F. Aventura e educação na Base Nacional Comum. *EccoS Revista Científica*, São Paulo, v. 41, p. 107-25, 2016.

SOARES, C. L. George Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 21-39, 2003.

STRAMANDINOLI, A. L. M.; REMONTE, J. G.; MARCHETTI, P. H. Parkour: história e conceitos da modalidade. **Revista Mackenzie de Educação física e Esporte**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 13-25, 2012.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Diagnóstico entre a relação das práticas corporais de aventura e a educação física escolar. **Revista Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 19, n. 1, p. 1-10, 2016.

VIEIRA, M.; PEREIRA, D. W.; MARCO, M. Primeiros obstáculos no Parkour escolar. In: Congresso paulistano de Educação física escolar (CONPEFE). **Anais...** São Paulo: CONPEFE, p. 01-13, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2A1rQgz>>. Acessado em: 09 de julho de 2020.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNI-RN e a Secretaria Municipal de Educação (SME – Natal/RN) por oportunizar o desenvolvimento de pesquisa e produção científica.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Este estudo teve não teve apoio financeiro.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Dianne Cristina Souza de Sena (Autor Correspondente)

ORCID: 0000-0002-7596-9495.

E-mail: diannesena@hotmail.com

Miguel Herick Sousa de Lemos

ORCID: 0000-0002-7580-6346.

E-mail: miguel_herick@hotmail.com